
**A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS:
O OLHAR DE UM FUTURO SOBRE UM PASSADO**

Maria Carlos Lino de Sena Aldeia¹

JORGE, Lúcia. *Os Memoráveis*. Alfragide. Edições D. Quixote, 2014.

Imergir no passado através da memória caldeada no presente com ilusões e desilusões e procurar descobrir, anelado no travo melancólico deixado pela frustração do esboroar de alguma utopia, um veio de esperança para emergência de um futuro, tendo por guia a talentosa mestria da escrita de Lúcia Jorge, pode revelar-se, para o leitor de *Os Memoráveis*, uma extraordinária e gratificante viagem. Para Ana Maria Machado, repórter da cadeia americana CBS, é como ir buscar Eurídice ao inferno sem cometer o erro de Orfeu. É-o, sobretudo, porque terá de voltar ao lugar de onde se exilara por razões pessoais, temendo queimar-se nas cinzas ainda quentes do seu passado, e é-o, também, porque terá de transformar o seu diário de bordo numa “narrativa luminosa”, expurgada de negativismos, em que a beleza suplante a verdade. É isto que lhe pede Frank, antigo embaixador americano, com vista à elaboração final de uma reportagem televisiva a que chamou “A História Acordada”, conjunto de relatos de revoluções pacíficas, em cuja primeira parte figuraria a Revolução Portuguesa de 25 de Abril.

Ana Maria, a contragosto, acaba por aceitar o desafio e nessa revisitação do passado vai levar consigo dois colegas de curso, Margarida Lota e Miguel Ângelo, já nascidos depois da Revolução de 25 de Abril, tal como ela. Será, pois, através do olhar destes personagens, a que se junta o do narrador, sempre imiscuído, com residência fixada em Ana Maria Machado, que o leitor terá uma visão peculiar, quer dos acontecimentos históricos, quer dos efeitos fastos ou nefastos que o tempo produziu nas pessoas que

¹ Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade de Lisboa.

idealizaram, entrevistaram e viveram tais acontecimentos e de que modo esse passado, transmutado no presente, se projectará no futuro.

A porta de entrada para o “coração da fábula” é um “documento-guia”, um retrato que fixou à mesa do restaurante Memories, em Agosto de 75, alguns protagonistas da Revolução que acabaram por deixar as dissonâncias ideológicas nos bolsos das camisas e se congregaram em fraternos abraços, um momento memorável “acontecido nas costas da história”.

Os dois jovens repórteres que acompanham Ana Maria sabem pouco deste passado ainda bastante vivo para muitos da geração anterior. Paradigmático deste desconhecimento é o facto de Margarida Lota confundir uma figura charneira do movimento revolucionário com uma outra do 5 de Outubro. É um distanciamento próprio das novas gerações, mas o empenhamento ultrapassará a ignorância e todos os três se confrontarão com uma realidade quase desconhecida, porém apreendida de modo bem diverso, consoante a respectiva personalidade. Eles veem sair daquela foto personagens tão fascinantes como um cozinheiro que no dia da revolução ofereceu aos militares a sua cabeça para dela fazerem uma bala; o militar agnóstico que acreditava em milagres; o Red Oak, cérebro da acção militar; o soldado-mito que dera corda ao “relógio parado” em nome dos outros cinco mil militares; o “último fotógrafo do czar”; o homem que na rádio colocou a canção-senha do Zeca; o militar que ajudou a tomar uma outra estação da rádio; um jornalista que “previa o futuro”; ainda uns narcísicos poetas e mais uns quantos. Aos jovens repórteres cumpre ver no que se tornaram estas figuras, depois de elas terem vivido um tempo mítico. Muitas têm traços comuns: são homens eticamente exigentes, impregnados de um “idealismo ético” de raízes ancestrais, são abnegados e incorruptíveis, pelo que desde a primeira hora dispensaram prebendas e encómios. Entregaram-se inteiramente a uma causa límpida, como límpido é o seu carácter. Desiludiram-se com incompreensões, olvidos, perfidias, com a própria metamorfose social que paulatinamente foi descambando num dessoramento inquietante, e vivem conformados em os seus “desgostos mansos”. Figuras confrontadas, afinal, com a perda da sua própria utopia. Um retrato comovedor da fragilidade humana. Além dos militares, esses seres desencantados, mas que como todos os heróis acabarão por partilhar a imortalidade divina, nesta panóplia de figuras brilhantemente criadas pela autora, importa salientar a dos poetas, criaturas singulares, bastante visadas pela fina ironia que Lídia Jorge salpica nesta obra. Autoconsideram-se seres de excepção, mas que ao invés de colocarem a sua perspicácia ao serviço da denúncia se demitiram, reclusando-se altivamente em exílio dourado. Proscritos da cidade por Platão, integraram a “república da pena”, “gente

lúcida que [...] transformava a clarividência em desdém, e as duas unidas pariam imobilidade e lonjura”. Neste microcosmo dos poetas ressalta-se ainda a menorização da mulher perante o homem: a mulher poeta e o homem poeta têm obrigações que não são recíprocas, sendo ela a perdedora. O estatuto de poeta não a imuniza da submissão feminina. Um estilete certo na hipocrisia masculina mesmo que intelectualmente travestida.

Outra personagem paradigmática e que cumpre relevar é Ernesto Salamida, o homem da rádio, hoje advogado de “causas perdidas”. É o causídico da esperança, uma figura bizarra que mantinha o aspecto de “jovem adolescente”, condizente com o idealismo que perfilha, fogo alquímico que lhe transforma os desencantos em pulsão de mudar o mundo, buscando incessantemente uma nova canção-senha para uma nova revolução a ocorrer em qualquer lugar no planeta. Salamida e Margarida Lota serão os arquitectos da construção da ponte para o futuro. De entre os jovens repórteres, Margarida Lota foi a visitada pelo anjo da esperança. Ela alia inteligência, versatilidade, (“a anémoma”), sensibilidade e perspicácia, compaixão, generosidade e benevolência, qualidades muitas e suficientes para que, num mundo tão irreal para aqueles jovens, se produzisse uma osmose perfeita hipostasiada no desejo de ter um filho que um dia mudaria o mundo, tal como aquela geração esplendorosa havia mudado o seu, no passado. O seu idealismo era criador, ela estava criando no futuro uma ideia de presente.

Miguel Ângelo, o operador de câmara, representa o pragmatismo de uma geração nascida num berço de bem-estar gerador de um excesso de utilitarismo individualista, onde foram criados novos deuses e se mataram outros: “Nos tempos que correm ninguém sabe que forma tem uma bolota”; “Hoje em dia aquelas passadas [da canção de Zeca Afonso] lembram a marcha de uns encapuzados a caminho de um assalto na autoestrada”; “Hoje em dia aquele som só amedronta, não conforta ninguém, o conforto hoje está guardado em caixas de parede”; “Metes lá o cartão, sai o teu conforto”. Nele não reside a esperança “Cedo ou tarde [...] todos serão esquecidos”.

Ana Maria Machado perspectiva uma visão próxima do cruzamento das visões dos colegas, ainda que a própria gostasse de encarnar a de Margarida Lota pois lhe admira as qualidades. Mas trata-se de desejo dificilmente realizável sobretudo porque o estigma de um passado doloroso lhe sufoca qualquer vislumbre de idealismo. Esse passado está contido na história íntima da família Machado que se entrelaça na restante narrativa.

António Machado, jornalista prestigiado à época da Revolução, publicava regularmente num jornal crónicas oraculares. Ele e Rosie Honoré, a actriz belga que viera alegremente espionar a Revolução, são os pais de Ana Maria. Rosie partiu quando a filha tinha doze anos e essa circunstância

originária a proscrição do nome *mãe* do vocabulário da filha. O abandono maternal, aparentemente tão correcta e escrupulosamente preparado pelos progenitores, foi absorvido de modo tão negativo por Ana Maria que ela buscará na observação dolorosa do sofrimento alheio lenitivo para a sua própria dor. A sua relação com o pai é um reflexo refractado da sua revolta. Mas o modelo profissional de António Machado entrou em declínio até o colapso final, em razão da nova ordem entrada no jornal, à qual ele não se aliou porque fazê-lo seria ultrajar a sua dignidade, e que, implacavelmente, o haveria de humilhar pela sua obstinação. Nem a sombra umbrosa dos plátanos, local onde se acoitava para deixar escorrer o tempo, o viria a salvar daquele sol que lhe queimava as entranhas. Como um animal ferido que se retira para morrer em solidão, António Machado encasula-se no seu quarto para definhar na nuvem de fumo da sua descrença no novo mundo. António Machado encarna o expoente maior da desilusão e da desistência que atravessam os seres aqui ficcionados, daquela geração gloriosa. A comovente pincelada de melancólico humanismo da história enconcha-se numa harmoniosa articulação com a dilucidada visão do desamparo que a condição humana arrasta, mas onde, por vezes, ainda se consegue vislumbrar uma centelha de esperança.

Para concluir, creio que nos será permitido inferir da leitura global da obra que não podemos, nem definhar ao som do *requiem* pela falência de alguma utopia, nem ficar reféns da fábula epopeica da Revolução nem de outras fábulas do passado, “Ítacas perdidas”, devemos, sim, acomodar a sua aura de gesta no altar da catedral das nossas glórias, porque “Os povos que se deixam vampirizar pelo passado não estão à altura das exigências vitais do presente” (LOURENÇO, 1983, p. 73), mas cumpre convocá-lo, revisitá-lo e reinventá-lo para que não se perca na memória corrompida de boa ou má-fé pela água de Letes, pois o passado não pode ser refúgio mas sim companheiro. Utopia de uma eternidade? Talvez, mas que nos faça seguir em direcção ao futuro para podermos melhorar o presente. Os esteios dessa extraordinária fábula recente, a liberdade e a democracia, que sustentam a nova era ideológica, permanecerão, embora apenas sejam o pano de fundo para múltiplas tragicomédias, como é apanágio da sua condição. À Literatura compete exaltar e revalorizar a glória e a singularidade de um momento já ancorado no pretérito, avaliando as transmutações entretanto ocorridas nos trilhos do tempo e recriando um devir que mitigue as nossas inquietações do presente. Lídia Jorge foi convocada e deste modo surgiu a obra que, segundo a autora afirmou publicamente, não quis que fosse para a efeméride dos 40 anos da Revolução, mas por um impulso interior ela percebeu que o momento era este. Os homens e as coisas não se podem furtar ao destino, nem os deuses o ousam. Todos sabemos no que redundou a tentativa de

Édipo. Assim, parafraseando o poeta, os deuses quiseram, Lídia Jorge sonhou e a obra nasceu, fascinante e oportuna, desabrochada no momento certo, com os cravos de Abril, quarenta anos depois.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

LOURENÇO, Eduardo. *Poesia e Metafísica*. Lisboa: Sá da Costa, 1983.

Data de recebimento: 25 de abril de 2014

Data de aprovação: 30 de maio de 2014